

mostrar a presença do mito dêem frutos.

Mas o que há de melhor no livro é a habilidade de Bowie para detectar temas importantes nas diversas comédias e redescobri-los nas várias formas que assumem no seu decorrer, provando-nos que Aristófanos cuidava mais de seus enredos do que se supunha até pouco tempo atrás. Embora esparsos, seus comentários sobre as parábases e seu lugar nas peças são iluminadores. Conclusão: mais do que o método escolhido, a intuição do pesquisador dá forma a um bom estudo.

Referências Bibliográficas

ADRADOS, F. R. *Fiesta, Comedia y Tragedia*. Madrid: Alianza Editorial, 1983 (1a ed. 1972).

CORNFORD, F. M. *The Origin of Attic Comedy*. Gloucester: Peter Smith, 1968 (1a ed. 1914).

FRAZER, J.G. *O Ramo de Ouro*. Edição do texto: Mary Douglas. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982 (1a ed. 1978, a partir de textos publicados entre 1890 e 1936).

ADRIANE DA SILVA DUARTE
Departamento de
Letras Clássicas e Vernáculas
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

GALANT, T.W. *Risk and Survival in Ancient Greece. Reconstructing the Rural Domestic Economy*. Cambridge: Polity Press, 1991.

Analisando um campo, até recentemente pouco explorado pelos especialistas contemporâneos, embora na última década importantes trabalhos tenham surgido através de autores como R. Osborne, P. Garnsey, Van Andel and Runnels e A. Snodgrass, este autor estuda com profundidade as estratégias de sobrevivência, subsistência e segurança coletiva

desenvolvidas pelos camponeses antigos gregos.

Para que haja êxito nesta proposta de trabalho, o autor lança mão, com muita segurança, do método comparativo, o que lhe permite preencher muitas lacunas no conhecimento atual do mundo rural da antiga Grécia, com informações e dados colhidos em diferentes sociedades camponesas dispersas ao longo do tempo e do espaço. A todo momento, Gallant introduz o leitor em discussões pertinentes ao campesinato antigo através de encaminhamentos propostos não por especialistas da antiguidade grega, mas por teóricos e especialistas de outras realidades históricas bem como situados em outras áreas de conhecimento, como por exemplo Antropologia, Geografia, Arqueologia e Economia.

Apesar de não ser o primeiro a utilizar este tipo de proposta, Gallant parece já antever um tipo de reação negativa por parte de muitos historiadores desconfiados da utilização deste método, pois pensaram que o autor estaria impondo à Grécia antiga uma visão formada demasiadamente pelas suas próprias percepções acerca de um passado mais recente ou do mundo atual (p. 2). Sem sombra de dúvida, é este transitar por outras ciências que dá ao autor condições de superar as próprias limitações de uma documentação cujas informações referem-se preferencialmente à vida urbana. Este procedimento metodológico utilizado por Gallant é um dos pontos altos do livro, já que ele serve como uma aula para aqueles especialistas que acreditam ser este o caminho para conhecer melhor as relações sociais, políticas e econômicas produzidas pelo espaço rural que abrigava a maior parte da população políade e que era a responsável por impor o ritmo de vida da própria comunidade.

No centro da discussão proposta por Gallant, duas questões emergem:

1) As estratégias de ação da família camponesa antiga grega.

Antes de analisar estas estratégias, o autor enfoca alguns problemas de ordem

metodológica. De imediato, ele irá criticar aqueles especialistas contemporâneos que, ao estudarem a família, transformaram esta entidade dinâmica, que possui um ciclo de desenvolvimento de vida bastante versátil e que está sempre mudando através do tempo, num organismo estático sem mobilidade temporal (p. 14 e 27-30). Em seguida, Gallant irá definir esta família camponesa como sendo uma unidade de produção, consumo e reprodução (p.153). Por fim, o autor define o conceito de camponês com aplicação para a sociedade grega. Esta definição é formada por três partes: primeira, o campesinato representa apenas um setor nas grandes sociedades complexas e estratificadas; segunda, os camponeses orientam suas estratégias econômicas em direção à produção de subsistência utilizando basicamente trabalho derivado da sua própria família; terceira, o excedente extraído dos produtores camponeses sustenta outros estratos sociais. Gallant observa, contudo, que o campesinato em qualquer cultura nunca é monolítico. Devido a natureza da documentação grega, porém, estas diferenciações ao nível do campesinato aparecem borradas ou invisíveis (p. 4).

Definidas estas questões, o autor constata que o camponês poderia recorrer a um conjunto coerente e integrado de medidas adaptativas. Estas medidas permitiriam a ele alterar suas estratégias produtivas, entre as quais o autor destaca:

a) Diversificação da colheita. A documentação textual, representada por Teofrasto, nossa melhor fonte sobre agricultura antiga grega, e a Arqueologia confirmam que a diversificação do plantio representa uma excelente estratégia de produção. Esta seria uma prática bastante difundida na região do Mediterrâneo. Ela visava a proteção contra as doenças nas plantas e a seca. Como observa Gallant, entretanto, a diversificação das colheitas estava diretamente associada às necessidades da família. Era ela quem determinava ou não a sua aplicação (p. 36-38).

b) Colheita mista. Este tipo de estratégia estava disponível aos camponeses antigos. Ela era uma excelente arma ao alcance destes

indivíduos contra os riscos de perda da produção. Este tipo de estratégia implicou um aumento real do trabalho entre os membros ativos da família camponesa, principalmente porque existia uma diferença entre o período do plantio e o da colheita. O autor observa, entretanto, que, se as plantas selecionadas fossem compatíveis entre si, existiriam ótimas vantagens para os camponeses, tais como: maior produção geral por hectare, melhor controle das ervas daninhas, diminuição da erosão do solo, manutenção da fertilidade do solo e maior garantia de algum retorno. Esta estratégia de produção agrícola representou um traço característico no espaço rural antigo grego, já que havia nele uma perfeita integração da colheita de cereais, leguminosas e árvores frutíferas (p. 38-41).

c) Fragmentação da propriedade fundiária. Esta seria a característica mais comum da Grécia antiga. Especialistas contemporâneos, particularmente economistas e geógrafos físicos, identificam este traço como estando associado à irracionalidade e à ineficiência da agricultura camponesa ou, simplesmente, um mal bem conhecido. O autor se posiciona de forma crítica diante de tais afirmações porque há embutido nelas o pressuposto de que a fragmentação seria uma vontade do proprietário e não uma vontade dos próprios camponeses. Para Gallant a fragmentação fundiária está associada à minimização dos riscos da produção agrícola. Neste sentido, os camponeses antigos gregos passariam a desejar tal estratégia porque, depois de uma ou duas gerações, estes teriam assumido propriedades rurais que consistiam de pequenos lotes de terra disseminados pelo território políade. Por um lado, se isto implicava um maior gasto de trabalho realizado devido ao tempo de viagem para fazer este deslocamento, por outro, os camponeses passavam a explorar diferentes micro-ambientes com possibilidades de obter diferentes tipos de produtos agrícolas ao mesmo tempo em que evitavam os riscos das perdas totais da produção (p.41-45).

d) Estratégias de colheita. Estas estratégias da etapa da produção, se comparadas

com as três anteriores, representavam um papel menor, mas não sem importância, na vida do campesinato antigo. Os mecanismos identificados pelo autor estavam diretamente associados à capacidade da própria família camponesa em empregá-los. Eles são basicamente quatro. Primeiro, nível médio de semeadura. Este era o passo inicial que o agricultor deveria dar. A água, a qualidade do solo e as próprias necessidades da família do camponês, que variavam de ano para ano, eram levadas em consideração no momento de se fazer a semeadura. Segundo, retirada das ervas daninhas. Estas, segundo estimativas modernas, podem gerar uma perda da produção agrícola, caso o solo não esteja suficientemente limpo, da ordem de 70% dos cereais e de 50 a 85% dos legumes. Gallant faz uma interessante observação com relação ao trabalho gasto pelo camponês nesta tarefa. Segundo o autor, antes do advento do veneno agrícola, as ervas deveriam ser retiradas do solo pela ação humana. O tempo gasto para efetivar esta operação seria da ordem de 50% do total do tempo gasto em todo o processo agrícola. Terceiro, preparação da semeadura e aragem. Basicamente, dois métodos predominavam: a limpeza do solo com a enxada ou com o arado. O autor ressalta que um método nunca suplantou o outro. A preferência da enxada ou do arado depende do tamanho da propriedade e da abundância do trabalho. Gallant observa que a diferença entre limpar a terra com arado puxado com animal e a enxada é o tempo de trabalho e o investimento de capital. O arado faz o trabalho mais rápido, porém o seu custo é maior que o da enxada. A produtividade da enxada em alguns casos, entretanto, pode ser maior que a do arado. Quarto, pousio. Ele estava integrado num esquema de rotação de colheita. A documentação textual revela a existência de várias formas de combinação de sistemas de pousio. Era a riqueza o fator determinante sobre qual dos sistemas de pousio seria escolhido. Na Grécia antiga, contudo, a terra limpa em pousio era pouco atrativa. Os agricultores gregos preferiam produzir e consumir várias espécies agrícolas ao longo do ano (p. 46-56).

e) Irrigação. Enquanto estratégia apresentada ao camponês, ela representou um papel marginal. Com raríssimas exceções, a Grécia não é uma terra bem situada para a irrigação.

Estas cinco estratégias mencionadas acima funcionavam como regras básicas entre os agricultores gregos. No caso de elas fracassarem, os camponeses lançariam mão de outros mecanismos que variavam, segundo Gallant, de acordo com a dimensão do quadro de perdas da propriedade agrícola. O grau de exploração da flora, fauna e pesca irá variar de acordo com a dimensão das perdas da produção. Os alimentos selvagens eram consumidos basicamente pelos pobres e pelo resto do campesinato, e eles representavam de 8 a 20% das calorias consumidas pelas famílias camponesas. Com relação à fauna, os gregos caçavam e consumiam animais selvagens; porém, no nível do campesinato mais pobre, o aumento do consumo de carne é uma resposta imediata à redução ou quebra da colheita. A mesma análise vale para a pesca, isto é, para o camponês ela exerce um papel importante, porém secundário (p. 116-121).

Estes mecanismos mencionados podem ser classificados como um primeiro passo para tentar diminuir o impacto da crise alimentar. Porém, se esta crise aumentar, novas estratégias de caracteres mais drásticos serão empregadas. Gallant destaca a remoção pela morte ou pela venda de animais de uso ou para fins de lucro. Esta decisão podia ser terrível, contudo, poucas escolhas restavam ao camponês em relação a seus animais em situação adversas como a seca, a fome ou a crise alimentar. No interior deste quadro, o autor levanta uma interessante questão, qual seja: a venda de animais e a compra de cereais adquirem valores diferenciados dentro de uma mesma comunidade, e aquele indivíduo que vende animais tem uma perda considerável, no caso o próprio camponês, e aquele que compra os animais e vende os cereais adquire um lucro considerável, no caso o elemento rico. Aprofundando ainda mais o quadro de crise, o camponês poderia lançar mão de medidas extremamente drásticas, como vender os escravos, se por acaso

os tivesse, hipotecar ou vender a propriedade fundiária. Apesar de o *oikos* ancestral fazer parte da estrutura social e psicológica do mundo grego, muitos camponeses se viram diante de uma tal situação (p. 121-142).

2) A relação estabelecida entre a família camponesa e suas diferentes partes integrantes.

O autor analisa duas relações básicas presentes no interior do mundo grego denominadas de reciprocidade e obrigação. Estas relações se inserem num quadro de trocas entre indivíduos. O primeiro nível destas trocas é o parentesco. O parente constitui a primeira linha de defesa do indivíduo durante um quadro de crise alimentar. As relações de parentesco geraram no interior do mundo a obrigação moral de um parente ajudar o outro parente, já que as famílias estavam conectadas pelo parentesco até a sua extinção. O segundo nível analisado pelo autor será a relação estabelecida entre um indivíduo e os seus amigos e vizinhos. Gallant observa que o principal critério para escolha do amigo e do bom vizinho era a capacidade destes dois últimos em ajudar o primeiro em época de crise. Devido à proximidade, eles podiam ajudar mais rapidamente um amigo numa crise alimentar do que o próprio parente deste. Esta ajuda era bastante ampla, englobando diversas situações, entre as quais o autor destaca a comensalidade, o trabalho, o empréstimo de ferramentas e instrumentos agrícolas e ajuda nos tribunais. O terceiro nível diz respeito às relações clientelísticas. Elas são caracterizadas pelo grau particular e face a face que envolve dois indivíduos de *status* social e econômico diferentes. As relações patrono-cliente não se caracterizaram, segundo Gallant, como sendo de exploração ou vias de mão única, mas elas estabeleciam trocas desiguais em vias de mão dupla. Para o autor, as *phratíriai*, *thiásioi*, *orgeónes*, *hetairíai*, *génos* e *dêmos* seriam exemplos de associações que facilitariam e ajudariam a cristalizar estas trocas envolvendo homem/homem em detrimento daquelas envolvendo Estado/homem.

Tais são as questões colocadas por Gallant. O livro contém de forma pertinente tabelas e gráficos. Ele apresenta também uma vasta bibliografia multidisciplinar, dando ao leitor a oportunidade de tomar conhecimento das últimas novidades publicadas nas áreas de Antropologia, Arqueologia, Geografia e História aplicadas ao mundo antigo grego. Trata-se de uma obra séria, de leitura indispensável, para todos aqueles que se interessam por uma análise interdisciplinar rica em detalhes sobre a família camponesa antiga grega.

ANDRÉ LEONARDO CHEVITARESE
Departamento de História
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro

PALADAS DE ALEXANDRIA. *Epigramas*. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. Edição bilíngüe. São Paulo: Nova Alexandria, 1992, 83 pags.

Deve ser celebrada a iniciativa da publicação, em volume de excelente qualidade gráfica, dos epigramas de Paladas de Alexandria, sem dúvida um autor de primeira importância, na condição de observador privilegiado e arguto do que poderíamos considerar os derradeiros tempos do helenismo antigo. De fato, tendo florescido na passagem do IV para o V século de nossa era, Paladas vem a ser, na prática, o último dos poetas pagãos. Demonstra ele zelo dessa condição, transmitindo ao mesmo tempo a amarga consciência da ruína de todo um mundo, já irrecuperável. Mais de uma centena de seus poemas foram conservados na *Antologia Palatina*, ficando a figura do poeta, contudo, como que sepultada, em virtude dos próprios critérios de organização da daquela antologia, os quais determinaram a dispersão de seu *corpus*. Mais uma razão, portanto, para celebrar-se a iniciativa de reconstituir-se a coesão de sua obra numa edição isolada, constituída pela seleção de 51 de